

O COMPORTAMENTO SINTÁTICO DAS CONJUNÇÕES CAUSAIS/EXPLICATIVAS

Antonio Sergio Cavalcante da Cunha (UERJ)

INTRODUÇÃO

Um dos problemas que podemos notar no tratamento dado pelos compêndios de gramática à classificação de orações e das conjunções que podem introduzi-las está na pouca clareza das explicações fornecidas e na freqüente mistura de critérios em seus estudos.

No caso das orações conhecidas como coordenada sindética explicativa e subordinada adverbial causal, notamos que tais compêndios privilegiam o critério semântico na tentativa de distinção. Contudo, a diferença entre causa e explicação nunca fica realmente clara de modo que, muitas vezes, é difícil saber se a oração introduzida pela conjunção é causal ou explicativa. Além disso, os processos de estruturação de períodos (coordenação e subordinação) não são explicados com o devido detalhamento. Finalmente, os critérios que levam os autores a classificarem uma determinada conjunção/locução conjuntiva como coordenativa explicativa ou subordinativa causal não são explicitados claramente.

Nossa proposta é, então, reexaminar essas questões a partir do estudo do comportamento sintático, em ocorrências interoracionais, das conjunções/locuções *porque*, *pois* (= porque), *já que*, *uma vez que*, *que* (= porque), *como* (= porque), que introduzem orações com idéias de causa e explicação. Para isso, é necessário compreender os processos sintáticos da coordenação e da subordinação, ponto de partida para a classificação das conjunções/locuções acima citadas.

Além de fazermos uma análise crítica de diversas obras constantes da bibliografia deste trabalho, tivemos de lançar mão de um corpus com 150 ocorrências das conjunções/locuções já citadas, analisando seu comportamento no corpus.

A construção do corpus foi feita, principalmente, a partir da língua escrita de jornais, revistas, manuais de instrução, uma vez que tais fontes usam um registro que se situa entre o formal e o informal. Como elementos de contraste no corpus, usamos alguns poucos exemplos tirados da literatura (registro formal), anúncios de televisão (registro informal, modalidade oral) para verificar se as conclusões a que tínhamos chegado por meio das outras ocorrências eram confirmadas nas demais modalidades/registros

A VISÃO DOS COMPÊNDIOS DE GRAMÁTICA EXPOSIÇÃO E CRÍTICAS

Os compêndios examinados foram: a *Moderna Gramática Portuguesa*, 33ª edição, de Evanildo Bechara, a *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*, 29ª edição, de Domingos Paschoal Cegalla, a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 2ª edição, de Celso Cunha & Lindley Cintra, *Novas Lições de Análise Sintática*, 4ª edição, de Adriano da Gama Kury, a *Gramática da Língua Portuguesa*, de Walmírio Macedo, e a *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, 30ª edição, de Rocha Lima.

Com relação à definição de conjunção, não há diferenças significativas entre os compêndios. Rocha Lima (1989, p. 160) diz que “conjunção é um vocábulo que relaciona elementos da mesma natureza (substantivo + substantivo, adjetivo + adjetivo, oração + oração) ou orações de natureza diversa, das quais a que começa pela conjunção completa a outra ou lhe junta uma determinação.” O autor distingue as conjunções coordenativas das subordinativas, explicando que as coordenativas relacionam termos ou orações de idêntica natureza ao passo que as subordinativas ligam duas orações, uma das quais completa o sentido da outra.

As listas de conjunções coordenativas explicativas e subordinativas causais não são exatamente iguais. Por exemplo: a conjunção *pois* é incluída por Cunha & Cintra, Gama Kury e Cegalla tanto no grupo das explicativas quanto no das causais. Já Rocha Lima, Bechara e Macedo parecem só incluí-la no grupo das explicativas. Entretanto, não é possível dizer ao certo se, para tais autores, essa conjunção também não poderia ser causal, uma vez que, ao final da lista, todos esses gramáticos costumam usar um “etc.”, o que deixa a lista aberta a inclusões. O problema se torna mais grave porque não sabemos quais os critérios que nortearam essa classificação.

Quanto aos processos de estruturação de período, não há divergências nas explicações dadas. Na coordenação, as orações são autônomas; na subordinação, são dependentes, pois a oração subordinada é função sintática de outra, que lhe é principal.

Othon Moacir Garcia (1988) argumenta que “dependência semântica mais do que sintática observa-se também na coordenação, salvo apenas, talvez, no que diz respeito às conjunções *e*, *ou* e *nem*.” O autor tem razão ao questionar o problema da dependência. A autonomia, na coordenação, é de caráter sintático, nunca semântico. E a dependência semântica na coordenação citada por Garcia existe, inclusive, com os elementos

e, ou e nem, pois, como analisa Robin Lakoff (1971), há a necessidade de que exista entre as orações um tópico comum, que cria uma interdependência semântica, necessária para que o texto produzido possa ser compreendido.

Outro problema ligado à questão da independência/dependência das orações está na função sintática que as orações subordinadas representam. Quando uma oração subordinada é sujeito ou objeto direto, é fácil reconhecer sua dependência, pois sua retirada do período afeta a compreensão do mesmo; entretanto, quando funciona como termo adverbial, geralmente acessório, a retirada da oração do período faz com que se perca a informação nela contida, mas não provoca danos à sintaxe do período. Nem por isso, deixa de ser uma oração subordinada. Assim, podemos verificar que explicar subordinação e coordenação somente em termos da independência/dependência das orações não ajuda a distinguir os dois processos.

No tocante às orações coordenada sindética explicativa e subordinada adverbial causal, Cegalla (1987) define-as da seguinte maneira:

- coordenada sindética explicativa: exprime explicação, motivo, razão e é introduzida por conjunção coordenativa;
- subordinada adverbial causal: exprime causa, motivo, razão; é introduzida por conjunção subordinativa causal e funciona como adjunto adverbial de causa.

As definições acima privilegiam o critério semântico e este, ainda assim, é exposto de maneira totalmente confusa. As palavras *motivo* e *razão* são usadas como sinônimos de explicação e de causa, obscurecendo a distinção. Além disso, o outro critério utilizado (verificar qual a conjunção que introduz a oração) não ajuda, pois, como já observamos, as listas de conjunções, além de não coincidirem, estão abertas a inclusões de novos elementos pelo uso de *etc.*. Some-se a isso a não explicitação dos critérios para a colocação de um determinado elemento em uma lista e/ou na outra.

O critério semântico para a distinção dos dois tipos de oração com que estamos trabalhando é problemático. A enunciação de uma causa, de um motivo ou de uma razão é, também, uma forma de explicação. Assim, podemos entender que em *Pedro não veio à aula, pois estava doente*, a oração introduzida por *pois* tanto pode ser a causa para a não vinda de Pedro à aula como uma explicação para o que foi dito na primeira oração.

As chamadas orações coordenadas explicativas dos compêndios da gramática também não estão livres de problemas. Flávia Carone aponta que tais orações têm uma “causalidade lateral”. Desse modo, em *A moça vai viajar, porque vi seu passaporte ontem*, a oração introduzida por *porque*, embora não possa ser entendida como causa para o conteúdo semântico da primeira oração, pode ser compreendida como causa para o ato da fala da oração anterior (uma conclusão).

Diante de tudo o que foi exposto, podemos perceber o entrelaçamento semântico entre causa/motivo/razão/explicação, o que dificulta a diferenciação quando o critério semântico é utilizado.

Admitindo a dificuldade de diferenciação entre as duas orações, Kury (1990) e Macedo (1991) propõem artifícios semelhantes para a distinção. Utilizaremos, aqui, os de Kury, que são em maior número. São eles:

a) substituir a oração iniciada pela conjunção por uma reduzida de infinitivo introduzida pela preposição *por*. Se isso for possível sem forçar o sentido, estamos diante de uma subordinada adverbial causal, pois a estrutura introduzida por *por* é subordinada, uma vez que a preposição é um elemento de subordinação. É, segundo o autor, a maneira mais eficaz para se efetuar a distinção entre as duas orações.

Este artifício parte, em nossa opinião, de um pressuposto duvidoso: o de que se pode fazer análise sintática de uma estrutura com base em outra que lhe é semanticamente equivalente. Se, por um lado, existe equivalência de sentido, há diferenças sintáticas que não podem ser ignoradas:

João não veio à aula, pois estava doente.

= (do ponto de vista semântico)

João não veio à aula por estar doente.

Porém, em termos sintáticos, é possível:

– inverter a ordem da oração quando se usa uma reduzida de infinitivo introduzida pela preposição *por*, o que não ocorre quando a oração começa com a conjunção *pois*.

Por estar doente, João não veio à aula.

**Pois estava doente, João não veio à aula.*

– coordenar, usando a conjunção *e*, a oração introduzida pela pre-

posição *por* com outra iniciada pela mesma preposição, o que mostra a possibilidade de coocorrência do elemento subordinativo (a preposição) com o elemento coordenativo (a conjunção *e*). No entanto, isso é impossível com a conjunção *pois*. A possibilidade de coordenação fica condicionada à retirada do segundo *pois* (o que viria depois de *e*), o que demonstra a impossibilidade de coocorrência dos dois elementos. Assim:

João não veio à aula por estar doente e por não ter tido vontade.

**João não veio à aula, pois estava doente e pois não teve vontade.*

b) a oração coordenada explicativa admite pausa forte, que pode ser indicada por meio de dois pontos, ponto-e-vírgula; o que, em geral, é impossível nas causais. No entanto, o exemplo a seguir mostra que uma oração pode passar idéia de causa e ser separada por pausa forte da outra oração: *João não veio à aula; estava doente.* A segunda oração pode ser interpretada como causal apesar da pausa indicada por ponto-e-vírgula que a separa da primeira oração. Este ponto será visto com mais clareza no item 6 de nosso trabalho;

c) o conectivo nas explicativas pode ser omitido sem prejuízo da clareza, fazendo-se preceder a oração por dois pontos, o que, em princípio não acontece nas causais. Este artifício é, na verdade, uma repetição do anterior e será mais detalhado no item 6 do trabalho;

d) na maior parte dos casos, o verbo da oração que antecede a explicativa está no imperativo, indicando tempo futuro. No entanto, em João deve ter fugido, pois não o encontro em lugar nenhum, a oração introduzida por *pois* seria classificada como explicativa, mas não é antecedida por oração com verbo no imperativo. Além disso, como o próprio autor admite quando diz “na maior parte dos casos”, esse critério não é geral;

e) na sua maioria, as causais *que*, *pois* e *porque* podem substituir-se por equivalentes com os conectivos *como* (no início do período), *uma vez que* e análogos. Contudo, podemos mostrar que isso também pode ser feito com as explicativas:

Paulo deve ter fugido, pois não o encontrei em lugar nenhum.

Paulo deve ter fugido, porque não o encontrei em lugar nenhum.

Como não o encontrei em lugar nenhum, Paulo deve ter fugido.

Paulo deve ter fugido, uma vez que não o encontrei em lugar nenhum.

As orações introduzidas pelas conjunções *pois*, *porque*, *como* e

uma vez que seriam classificadas como explicativas pelas gramáticas. A substituição dos conectivos não provocou alteração na classificação semântica das orações.

Diante do que foi exposto, vemos que há necessidade de um reestudo das características dos processos de estruturação de períodos, assim como de se explicitarem os critérios para a classificação das conjunções em coordenativas ou subordinativas.

SUBORDINAÇÃO E COORDENAÇÃO

A subordinação

Como processo de estruturação de períodos, a subordinação estabelece uma relação de dependência sintática, pois uma oração subordinada representa uma função sintática de outra (sua principal). No entanto, quando se trata de oração subordinada adverbial (geralmente termo acessório do ponto de vista sintático), o reconhecimento da dependência é difícil, pois, se a oração for retirada do período, não provocará danos à estrutura sintática do mesmo.

Classes gramaticais que instauram a subordinação

No nível intra-oracional, é principalmente a preposição que instaura a subordinação entre elementos da mesma classe de palavras, como em *casa de madeira*, em que o substantivo *madeira* funciona como determinante de (está subordinado a) *casa* por meio da preposição *de*.

No nível interoracional, são três as classes que exercem tal função:

a) as preposições, que subordinam orações não-finitas (reduzidas);

b) os pronomes relativos, que subordinam orações chamadas de adjetivas, pelas gramáticas. Os pronomes relativos são palavras anafóricas, pois representam, na oração em que estão, seu antecedente, que se encontra em outra oração. Assim, os pronomes relativos têm uma função sintática dentro da oração: a que seria exercida por seu antecedente na oração adjetiva;

c) as conjunções subordinativas, que subordinam orações finitas, mas não são representantes de qualquer elemento de sua principal na oração que iniciam. Não são, pois, palavras anafóricas. Entre as conjunções subordinativas é preciso distinguir as integrantes das demais conjunções

subordinativas. As integrantes introduzem orações subordinadas substantivas e são mais vazias de significado. Já as demais conjunções subordinativas introduzem as chamadas orações adverbiais, ajudando na explicação da relação semântica existente entre as orações.

Perini (1989) argumenta que todas as línguas humanas têm a propriedade de possuir sintagmas de determinada classe que encerram como constituintes outros sintagmas da mesma classe, a propriedade da recursividade. O encaixe de sintagmas de uma classe em sintagmas da mesma classe é feito pelas preposições (quando um dos dois elementos em jogo não é uma oração finita) e por conjunções subordinativas e pronomes relativos, quando há o encaixe de uma oração finita em outra.

A coordenação

A coordenação não instaura uma relação de dependência, mas de igualdade. É, também, o processo pelo qual desdobramos termos oracionais. Para Tesnière, citado por Carone (1988), “a coordenação é a consequência do desdobramento de um termo que se vê, assim, em face de um peculiar ‘alter ego’.” Os membros coordenados têm, portanto, o mesmo “status” sintático.

Para Carone, os elementos que instauram a coordenação são a conjunção coordenativa e a pausa. Em *sala oval acolhedora*, a autora aponta que houve dois processos de subordinação: o primeiro subordinou o adjetivo *oval* ao substantivo *sala*, formando o SN *sala oval*; no segundo processo, subordinou-se o adjetivo *acolhedora* ao SN *sala oval*. Segundo a autora, bastaria o uso de uma conjunção coordenativa, como *e*, ou uma pausa entre os dois adjetivos para que tivéssemos uma coordenação dos adjetivos. Nesse caso, *oval* e *acolhedora* estariam subordinados ao substantivo *sala*.

Não há dúvida que a conjunção *e* instaura a coordenação; é preciso, no entanto, saber se a pausa instauraria a coordenação em todos os casos, generalização que não nos parece inteiramente válida. As orações subordinadas substantivas apositivas e adjetivas explicativas são separadas de sua principal por forte pausa. No entanto, representam uma função sintática: a do aposto. Seriam, então, orações coordenadas? No nosso entender, não.

CONJUNÇÕES COORDENATIVAS E SUBORDINATIVAS

O que é uma conjunção?

Antes de distinguirmos os dois tipos de conjunções, é necessário sabermos o que caracteriza uma conjunção.

Os compêndios de gramática citam, entre as conjunções, principalmente entre as coordenativas, elementos que, embora ajudem a estabelecer uma relação semântica entre as orações, não necessariamente têm posição obrigatória introduzindo a oração. Como exemplos, temos: *porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, portanto, pois* (= portanto). Esses elementos não devem ser considerados conjunções, pois não têm posição fixa no início da oração. São itens de origem adverbial, o que é atestado pela mobilidade que possuem. Vários autores consideram esses elementos como advérbios. Bomfim (1988), embora reconheça o valor adversativo de *porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto*, assinala que tais palavras/locuções não podem ser classificadas como conjunções em virtude de sua posição flutuante dentro da oração, ainda que, semanticamente, sejam equivalentes a *mas*, esta sim uma conjunção, pois obrigatoriamente introduz a oração, isto é, tem posição fixa. Na gramática da língua inglesa, elementos de comportamento sintático semelhante como *however, nevertheless, therefore*, que também não têm posição fixa na oração, são considerados por Quirk et alii (1985) como advérbios, com a função sintática de conjuntivos adverbiais (“adverbial conjuncts”).

Além disso, essas palavras/locuções podem ser precedidas pela conjunção coordenativa *e*, como em *João estava doente e, no entanto, veio à aula* ou, até mesmo pela conjunção coordenativa *mas*, em *João não estava doente, mas, no entanto, não veio à aula*. Assim, temos outro argumento que contraria a colocação desses elementos na lista das conjunções.

Tipos de conjunções coordenativas

Como veremos em 4.3.2., as conjunções coordenativas atuam tanto dentro da oração, ligando funções sintáticas semelhantes, quanto entre orações ligando, entre si, duas orações subordinadas à mesma principal desde que elas exerçam função sintática semelhante em relação à principal; ou, ainda, ligando orações sintaticamente independentes.

Azeredo (1990) explica que as conjunções coordenativas *e, ou e mas* são capazes tanto de ligar termos da oração quanto ligar orações subordinadas e orações sintaticamente independentes. São autênticos conectivos. Já *pois* (= porque) e *logo* (= portanto) ligam apenas orações sintaticamente independentes.

Outra diferença entre as conjunções citadas acima está no fato de que, enquanto *mas*, *pois* (=porque) e *logo* (= portanto) explicitam a relação semântica existente entre os elementos ligados, funcionando como operadores argumentativos, *e* e *ou* têm significado mais aberto. Por exemplo, em *João estuda e trabalha*, há apenas idéia aditiva; em *João estudou para a prova e não passou*, a conjunção *e* é usada como sinônimo de *mas* (valor adversativo) e, em *O homem teve um ataque cardíaco e morreu*, além do valor aditivo, existe uma seqüência temporal que não permite a inversão dos fatos como em *João estuda e trabalha* (= *João trabalha e estuda*). A conjunção *ou* pode ter valor exclusivo ou inclusivo. Em *É dia ou é noite*, o valor é de exclusão. Todavia, em *Por muito que o tempo ou a paisagem se repetissem, essa teimosia apenas aproximava da harmonia caprichosa da paisagem da sua infância...* (Fernando Namora, exemplo tirado de Cunha & Cintra, p. 500), *ou* tem valor inclusivo, equivalendo a *e*.

Dessa forma, pode-se dizer que *mas* participa dos dois grupos de conjunções coordenativas (os conectivos e os operadores argumentativos); *e* e *ou* são apenas conectivos, enquanto *pois* (= porque) e *logo* (= portanto), apenas operadores argumentativos.

Uma terceira diferença não apontada por Azeredo pode ser detectada. Enquanto *mas*, *pois* (= porque), *logo* (=portanto) limitam a dois o número de elementos coordenados, *e* e *ou* podem coordenar mais de dois elementos.

Diante dessas diferenças, propomos a divisão das coordenativas em três ordens:

1ª ordem: *e* e *ou*. São somente conectivos e podem ligar mais de dois elementos dentro da oração ou ligar orações, que sejam orações subordinadas que exercem a mesma função sintática em relação a uma mesma principal, quer sejam orações sintaticamente independentes. São, também, semanticamente mais abertas.

2ª ordem: *mas*. Participa do grupo dos conectivos e dos operadores argumentativos. Limita a dois o número de elementos ligados. Atua dentro da oração ou ligando orações, como já foi dito com relação a *e* e *ou*.

3ª ordem: *pois* (=porque) e *logo* (=portanto). São apenas operadores argumentativos e também limitam a dois o número de elementos ligados. Atuam apenas no nível interoracional.

***O comportamento sintático
das conjunções coordenativas e subordinativa***

A mobilidade das orações introduzidas por conjunções

As orações introduzidas por conjunções subordinativas (principalmente as adverbiais) gozam de maior mobilidade no período. Essa mobilidade está relacionada à mobilidade dos advérbios dentro da oração. No entanto, não podemos generalizar esse ponto a todos os tipos de orações subordinadas. As subordinadas adjetivas vêm, normalmente, depois do antecedente do pronome relativo. As substantivas têm comportamento mais heterogêneo: as apositivas, por exemplo, normalmente são colocadas após o termo ao qual servem de aposto.

Com relação às orações coordenadas, têm posição fixa no período, pois exigem um pré-texto. Não é possível deslocar a oração coordenada sindética, levando a conjunção, para antes da oração que a precede no período original. Assim, é impossível dizer *E trabalha, Paulo estuda* ou *Mas não trabalha, Paulo estuda*. A ordem aqui é fixa: *Paulo estuda e trabalha* e *Paulo estuda, mas não trabalha*.

Em português somente a conjunção *ou* pode aparecer na primeira oração do período. No entanto, sua presença nessa oração não é obrigatória. Em uma seqüência de orações ligadas pela conjunção em questão, somente a última oração não pode ficar sem a conjunção. Nas demais, a referida conjunção pode ser retirada sem prejuízo para o entendimento, como em: *Ou Rafael estuda para o vestibular, ou trabalha, ou diverte-se*. Se mantivermos o elemento *ou* apenas na última oração, o significado alternativo não será perdido: *Rafael estuda, trabalha ou diverte-se*.

Nível de atuação da oração

As conjunções subordinativas atuam no nível interoracional, ligando duas orações em que uma é função sintática da outra. Dentro da oração, a classe de palavras que exerce a função de ligar sintagmas semelhantes é a preposição.

Já as conjunções coordenativas tanto podem atuar dentro da oração como ligando orações. Dentro da oração, a função da conjunção coordenativa é desdobrar funções sintáticas, formando os termos compostos. No nível interoracional, as coordenativas têm duas funções: a) ligar orações subordinadas que exerçam a mesma função sintática de uma mesma oração principal; b) ligar orações sintaticamente independentes,

isto é, não há entre as orações ligadas a relação de subordinação, pois uma oração não é função sintática da outra.

Coocorrência

Duas conjunções coordenativas ou duas subordinativas não ocorrem lado a lado no período. Isto é fácil de explicar: a função da conjunção subordinativa é a de encaixar um sintagma oracional em outro; assim, não é possível que duas conjunções subordinativas encaixem o mesmo sintagma oracional (oração subordinada) na sua principal. Da mesma forma, não é absurdo pensar na impossibilidade da ocorrência lado a lado de duas conjunções coordenativas no período, uma vez que ambas estariam realizando a mesma função.

No entanto, uma conjunção subordinativa pode ser precedida por uma coordenativa, pois esta pode coordenar a oração subordinada à outra subordinada da mesma principal que exerça a mesma função sintática, fazendo o papel de elemento propiciador do desdobramento da função sintática.

Quanto aos critérios para a distinção das conjunções

O critério da movimentação das orações é totalmente eficaz no caso da coordenação, pois a conjunção coordenativa exige o pré-texto; mas é problemático na subordinação, pois nem todas as orações subordinativas têm mobilidade no período. O critério do nível de atuação das conjunções é seguro com as subordinativas, que atuam no nível interoracional, mas as coordenativas do tipo conectivo atuam tanto no nível interoracional quanto no intra-oracional. Já a questão da coocorrência é inquestionável. Quando uma conjunção puder ocorrer lado a lado com pelo menos uma coordenativa do tipo conectivo (na ordem coordenativa + subordinativa), isso significa que é subordinativa: introduz uma oração que representa uma função sintática e está ligada por coordenação a outra oração que tem a mesma função sintática. Ambas estão subordinadas a uma mesma principal e coordenadas entre si. A impossibilidade de coocorrência de uma conjunção com uma coordenativa do tipo conectivo indica que essa conjunção é coordenativa.

No entanto, algumas subordinativas não podem ocorrer com a conjunção coordenativa *mas*. Quirk et alii explicam que somente as conjunções subordinativas que estão dentro do alcance da negação coocor-

rem com *mas*. Assim, podemos dizer *Pedro não faltou à aula porque estava doente, mas porque estava cansado*. No exemplo precedente, apesar da negação situar-se antes do verbo da oração inicial, estamos negando que estar doente tenha sido a causa para a falta de Pedro à escola, afirmando que a verdadeira causa foi o fato de ele estar cansado. Contudo, o mesmo processo não é possível com *já que*: **Pedro não faltou à aula já que estava doente, mas já que estava cansado*. Entretanto, ambas as conjunções podem ser precedidas de *e*: *Pedro faltou à aula porque estava doente e porque estava cansado/Pedro faltou à aula já que estava doente e já que estava cansado*.

O COMPORTAMENTO SINTÁTICO DAS CONJUNÇÕES CAUSAIS E EXPLICATIVAS NO CORPUS

Pois

Foi a segunda conjunção em número de ocorrência no corpus. Apareceu 49 vezes, perdendo apenas para *porque*, que apareceu 50 vezes. Tem comportamento sintático inteiramente regular:

- não coocorre com qualquer conjunção coordenativa do tipo conectivo;
- não coordena orações subordinadas, pois não é do tipo conectivo;
- exige pré-texto, isto é, refere-se a algo previamente dito. A oração introduzida por *pois*, não tem, portanto, mobilidade no período.

Em vista do que dissemos no item 4 desse trabalho, concluímos que, apesar de guardar alguma semelhança de comportamento com as conjunções subordinativas (só atuar ligando orações, mas não na função de conectivo), trata-se de uma conjunção coordenativa por exigir pré-texto e, principalmente, por não poder ser precedida por qualquer das conjunções coordenativas do tipo conectivo.

Como (= porque)

Apareceu dezessete vezes em ocorrências interoracionais no corpus com comportamento sintático totalmente regular:

- pode coocorrer em todos os casos com a conjunção coordenativa

tiva e;

- é uma conjunção que, ao contrário das coordenativas, exige pós-texto, isto é, a oração iniciada por esta conjunção precede a oração à qual se refere (sua principal);

Diante desse comportamento sintático totalmente regular, podemos concluir que se trata de uma conjunção subordinativa.

Já que

Apareceu dezessete vezes no corpus em ocorrências interoracionais. Detectou-se, em todos os casos, a possibilidade de coocorrência com a conjunção coordenativa *e*, assim como de inversão na ordem das orações, quando a oração introduzida por *já que* vem depois da oração a que se refere. Somente em um caso foram necessárias adaptações para que a inversão fosse feita: *Completamente reformado depois de quase um ano fechado para obras, o cinema ganhou bombonière na entrada e um moderno sistema de exibição, além de mais conforto, já que a capacidade passou de 470 para 240 pessoas* (O Globo, 26.07.93, p. 3). Invertendo-se a ordem, temos: *Completamente reformado depois de quase um ano fechado para obras, o cinema ganhou bombonière e um moderno sistema de exibição e, já que a capacidade passou de 470 para 240 pessoas, também mais conforto*.

Nossa conclusão é de que a referida conjunção pertence ao grupo das subordinativas.

Uma vez que

Apareceu apenas oito vezes no corpus. Parece ter uso mais formal do que as demais e é geralmente evitada nas fontes em que colhemos nossos exemplos provavelmente por medida de economia de espaço.

Não apresentou qualquer problema no seu comportamento sintático, comportando-se como uma conjunção subordinativa, isto é, funciona apenas no nível interoracional, pode coocorrer com a conjunção coordenativa *e* e a oração introduzida pela referida locução conjuntiva goza de mobilidade no período, podendo ser passada para antes de sua principal em todos os casos.

Porque

Trata-se da conjunção de maior ocorrência em nosso corpus (50 vezes). É a única que coocorre com todos as conjunções coordenativas do tipo conectivo. Suas ocorrências foram interoracionais. Geralmente, sua oração goza de mobilidade no período. Apenas em dois exemplos, a movimentação da oração introduzida por *porque* mostrou-se inaceitável: *Mas é lamentável o estado de abandono de muitas construções centenárias, com paredes cobertas por propaganda política, numa demonstração de descaso para com a memória da cidade. É uma pena porque o turista, atraído pelas praias, poderia levar consigo mais uma alegre – e inesperada – recordação desse estado.* (Revista Cláudia, fev. 92, p. 108). No texto, a oração de *porque* refere-se a *é uma pena* (oração principal). O deslocamento da principal para depois da oração subordinada tornaria texto pouco claro uma vez que *é uma pena* está relacionado ao que foi dito no período anterior, devendo vir, assim, logo depois do ponto. O outro exemplo de impossibilidade de inversão da ordem está em: *Depois de perder treze filhotes porque, devido a um problema hormonal, a fêmea não conseguia produzir leite para amamentar suas crias e elas morriam poucos dias depois de nascidas, o casal de onças pardas “Prince” e “Carajás” finalmente conseguiu ter a sua oncinha* (O Globo, 04/09/93, p. 17). Constatamos que a oração introduzida por *porque* é subordinada à oração introduzida por *depois*, que, por sua vez, é também uma subordinada. Assim, o tamanho do período e o número significativo de orações com a ocorrência de subordinadas de orações também subordinadas tornou inviável a inversão. Porém, nos demais casos, não houve problemas para fazer a inversão das orações. Podemos dizer, portanto, que, embora a conjunção em análise introduza orações que podem ser passadas para antes da sua principal, fatores de natureza discursiva podem interferir e impedir a inversão.

Além disso, os problemas que impediram a inversão das orações introduzidas por *porque* nos exemplos citados acima, teriam impedido a inversão das orações, mesmo que se tivesse usado outra conjunção/locução conjuntiva que normalmente permita a inversão, como, por exemplo, *já que* ou *uma vez que*.

Concluimos que *porque* é uma conjunção subordinativa por excelência. O argumento mais forte é a possibilidade de ser antecedida por todas as conjunções coordenativas do tipo conectivo.

Que (= porque)

Foram registradas nove ocorrências interoracionais da referida conjunção no corpus. Ao contrário das demais conjunções, cujas ocorrências vieram, em sua quase totalidade, de jornais, revistas ou manuais de instruções, a conjunção *que* (= porque) é típica, no português atual, de um registro mais informal.

A conjunção em análise coocorre com *e*. Assim, podemos fazer a coordenação de diversas orações com a referida conjunção, como em *Quero ver você não chorar, não olhar pra trás, não se arrepender do que faz; quero ver o amor vencer e a dor morrer, você resistir e sorrir, que (= porque) você pode ser assim, tão melhor assim eu vou ser, que (= porque) o Natal existe, que (= porque) ninguém é triste, que (= porque) no mundo há sempre amor. Bom Natal, um Feliz Natal, muito amor e paz pra você.* (Anúncio de televisão do Banco Nacional). Notar que as três últimas orações introduzidas pela conjunção *que* são coordenadas entre si e ligadas a uma mesma oração principal (*tão melhor assim eu vou ser*). É perfeitamente possível o uso da coordenativa *e* antes da última oração introduzida por *que*, ou até mesmo antes das duas últimas.

Apesar dessas características, que a colocam na lista na subordinativas, a oração introduzida pela conjunção *que* exige pré-texto, ou seja, sua oração não pode ser passada para antes da oração a que se refere.

Como consideramos que o principal critério principal para a caracterização de uma conjunção subordinativa é a possibilidade de ser precedida por alguma conjunção coordenativa do tipo conectivo, consideramos tal conjunção subordinativa. Além disso, o uso da referida conjunção apenas no nível interoracional reforça essa classificação.

FUNÇÕES SINTÁTICAS DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

Introdução

Embora não seja o objetivo deste item, é necessário começar explicando a possibilidade de Sintagmas Adverbiais exercerem mais de uma função sintática dentro da oração. Dessa forma, em *João falou francamente com o pai* e *Francamente, você não agiu de forma correta*, o advérbio *francamente* é usado de forma totalmente diferente. Na primeira sentença, o advérbio está relacionado ao verbo, na segunda, não possui relação com nenhum termo específico da oração. Sua relação é com a oração como um todo; funciona como representante do enunciador da sentença, apresentando caráter subjetivo.

Todavia, as diferenças não se limitam ao caráter mais ou menos periférico do termo. Determinados processos sintáticos e discursivos são possíveis com o primeiro *francamente*, mas não com o segundo.

O primeiro processo sintático é o da extraposição ou clivagem. É possível dizer-se *Foi francamente que João falou com o pai*, mas não é possível **Foi francamente que você não agiu de forma correta*.

Além disso, a primeira sentença pode ser resposta para uma pergunta feita ao verbo com advérbio/locução adverbial interrogativo: *Como João falou com o pai? João falou francamente com o pai*, o que demonstra a relação íntima do advérbio com o verbo. Tal processo é impossível com a segunda sentença: *Como você não agiu de forma correta? Francamente, você não agiu de forma correta*.

Quirk *et alii* argumentam que o primeiro *francamente* exerce a função sintática de adjunto adverbial (ad- = ao lado de), enquanto o segundo é considerado um disjunto adverbial (*adverbial disjunct*) (dis- passa a idéia de separação).

As orações adverbiais

Segundo Quirk *et alii*, as orações adverbiais funcionam principalmente como adjuntos adverbiais e disjuntos adverbiais, que se distinguem por determinadas características sintáticas e semânticas.

Em termos semânticos, as orações adjunto denotam circunstâncias do que foi expresso na sua oração principal. Assim, podem responder a perguntas feitas à oração principal feitas com advérbios/locuções interrogativas. No caso das conjunções subordinativas que estamos examinando neste trabalho, somente *porque* tem esta característica. Note-se que somente a oração adjunto adverbial tem esta característica. Mas *porque* também pode introduzir disjuntos adverbiais, não sendo, assim, resposta para uma pergunta com *por que*.

Pedro fugiu, porque não o encontro em lugar nenhum.

*Por que Pedro fugiu? *Porque não o encontro em lugar nenhum.*

Além disso, somente a oração adjunto introduzida por *porque* pode ser extraposta. *Pedro não veio à aula porque estava doente/Foi porque estava doente que Pedro não veio à aula*. A oração disjunto adverbial introduzida por *porque* não pode ser extraposta: *Pedro fugiu, porque não o encontro em lugar nenhum/*É porque não o encontro em lugar*

nenhum que Pedro fugiu.

Tipos de disjuntos adverbiais

Há, segundo Quirk et alii, dois tipos de disjuntos adverbiais: os de conteúdo e os de estilo. Semanticamente, as orações que funcionam como disjuntos de conteúdo referem-se ao conteúdo da oração principal, enquanto as de estilo referem-se ao ato da fala de sua oração principal. Sintaticamente, no entanto, os dois tipos de orações disjuntas comportam-se da mesma maneira quando submetidas aos testes de que falamos em 6.1 e 6.2..

A mesma conjunção pode introduzir os dois tipos de disjuntos:

já que: Já que você está aqui (disjunto de estilo), *ajude-me na cozinha/ Pedro não veio à aula, já que está doente* (disjunto de conteúdo)

como: Como não o encontrei em lugar nenhum (disjunto de estilo), *Pedro deve ter fugido/ Como estava doente, Pedro não veio à aula.*

uma vez que: Uma vez que você é tão inteligente (disjunto de estilo), *o que significa esta palavra?/Pedro não veio à aula, uma vez que estava doente.* (disjunto de conteúdo)

Os autores em questão apontam que a diferença sintática mais marcante entre os dois tipos de disjuntos, está no fato de que, quando a oração subordinada do tipo disjunto de estilo vem depois da principal, é precedida por pausa bem mais forte do que as orações adverbiais que são disjuntos de conteúdo.

Quirk et alii argumentam que os disjuntos de estilo, por referirem-se ao ato da fala de sua principal, têm implícito um verbo do campo semântico de “dizer” (concluir, afirmar, ordenar, pedir etc.). *Já que você está aqui, (peço que) me ajude na cozinha; Como não o encontrei em lugar nenhum, (concluo que) Pedro deve ter fugido; Uma vez que você é tão inteligente, (responda-me) o que significa esta palavra.*

Podemos perceber que muitas das orações que os compêndios de gramática classificam como coordenadas sindéticas explicativas são, nesta análise, subordinadas adverbiais na função de disjuntos adverbiais de estilo.

CONCLUSÕES

Pretendemos, aqui, responder a algumas perguntas pendentes em

nosso trabalho, assim como fazer um resumo das principais conclusões a que chegamos.

Quanto à pausa como elemento que instaura a coordenação, ponto defendido por Flávia Carone, entendemos que não se trata de uma característica geral, embora reconheçamos que, em muitos casos, a pausa é um elemento instaurador da coordenação. No entanto, as orações disjuntas de estilo são separadas de sua principal por uma pausa significativamente mais acentuada do que as de conteúdo. Além disso, se aceitássemos a proposta de Carone indiscriminadamente, teríamos que considerar que as orações que exercem a função sintática de aposto são coordenadas, o que nos parece uma posição problemática, tendo em vista termos definido oração subordinada como aquela que exerce função sintática de sua principal. Além disso, Carone admite que, entre as orações ligadas por *e* e *ou*, a pausa é quase imperceptível, o que vem a ser um contra-argumento à postura por ela defendida.

Nossa conclusão mais importante, no entanto, é a de que não devemos vincular o processo sintático usado para ligar duas orações ao significado das orações. Isto não invalida um possível estudo semântico que procure fazer a diferença entre causa e explicação. Apenas, propusmo-nos a separar os níveis de análise.

Nosso trabalho procurou, assim, centrar-se nas características sintáticas das conjunções/locuções abordadas, partindo desse ponto para sua classificação como coordenativas ou subordinativas.

BIBLIOGRAFIA

AZEREDO, José Carlos de. *Iniciação à Sintaxe do Português*. 2 ed. Rio de Janeiro : Zahar, 1990.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 33 ed. São Paulo : Cia. Ed. Nacional, 1989.

BOMFIM, Eneida. *Advérbios*. São Paulo : Ática, 1988.

CARONE, Flávia de Barros. *Subordinação e Coordenação – Confrontos e Contrastes*. São Paulo : Ática, 1988.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 29 ed. São Paulo : Cia. Ed. Nacional, 1987.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 2 ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1985.

GARCIA, Othon M.. *Comunicação em Prosa Moderna*. 14 ed., Rio de Janeiro : Fundação Getúlio Vargas, 1988.

GUIMARÃES, Eduardo. *Texto e argumentação – Um estudo das conjunções do Português*. Campinas : Pontes, 1987.

KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática*. 4 ed. São Paulo : Ática, 1990.

LAKOFF, Robin“ If’s, and’s and but’s about conjunction”. In: – *Studies in Linguistics*. New York : Holt, Rinehart and Winston, 1971.

MACEDO, Walmírio de. *Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro : Presença, 1991.

PERINI, Mário A.. *Sintaxe Portuguesa – Metodologia e Funções*. São Paulo : Ática, 1989.

QUIRK, Randolph *et alii*. *A Comprehensive Grammar of the English Language*. London/New York : Longman, 1985.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 30 ed. Rio de Janeiro : José Olympio, 1989.

VOGT, Carlos. “Indicações para uma análise semântico-argumentativa das conjunções porque, pois e já que”. In: – *Linguagem, Pragmática e Ideologia*. 2 ed., São Paulo : Hucitec, 1989.